

Apresentação do Livro de Ana Rozenbaum de Schwartzman “História e Pré-história na Clínica com Crianças e Adolescentes”

Resenha | ROZENBAUM DE SCHVARTZMAN, Ana. **Había una vez...**: historia y prehistoria em la clínica con niños y adolescentes. Buenos Aires: Lumen, 2008.

Abel Fainstein

Analista de crianças. Membro Didata da Associação Psicanalítica Argentina.

“Era uma vez...” é uma frase que nos traz lembranças. Nos recordamos das histórias infantis que nos contaram repetidas vezes e permanecem em nossa memória não apenas como lembranças.

Sabemos que a memória nem sempre se baseia em lembranças. Algumas vezes são marcas que permanecem muito atuais e é necessário fazer com que elas tornem-se passado, isto é, historizar para prevenir o desenvolvimento traumático.

Para aqueles que trabalham como psicanalistas, os contos infantis são produtos da fantasia de alguns privilegiados que têm estimulado precocemente nossa imaginação, nossas próprias fantasias e também as de nossos pacientes. No entanto, as histórias que nos contam e que contamos, em geral, referem-se a situações traumáticas. Quem não lembra de “João e Maria” ou da “Chapeuzinho Vermelho”, apenas para citar algumas.

Fazer das marcas vivências passadas constitui boa parte de nossa prática, pois, como disse a protagonista de “Hiroshima meu amor”, Ana, “soamente lembrando é possível esquecer”.

Outra bela citação literária do livro que apresentamos: “Todos os sofrimentos podem ser suportados se os encaixarmos em uma história ou construirmos uma história sobre eles”, desta vez de Isak Dinesen.

Na clínica psicanalítica, as histórias que nossos pacientes contam, ou as que construímos com eles, tentam simbolizar marcas potencialmente traumáticas. Por isso usamos esse recurso. Quando tal mecanismo é eficaz é possível controlar o desencadeamento da angústia, porém sabemos que em geral somos procurados quando essa tentativa falha, e através da cura se busca uma nova historização, que seja mais eficaz para esse objetivo. Ana Rozenbaum cita aqui Baranger y Mom, “[...] os analisandos vêm com uma história e terminam com outra, muito mais rica, com figuras mais matizadas, momentos de felicidade e infelicidade, pais bons e maus, etc.”.

Essa historização, que pode às vezes ser a primeira e outras vezes suceder histórias prévias, tem uma característica peculiar do nosso trabalho. Ela é o resultado da atualização de situações passadas na transferência com o analista. Somente essa vivência as faz diferente de uma criação literária, e isto que muitas vezes vemos desvirtuado em muitos relatos clínicos é claramente descrito pela autora em cada um dos capítulos, mostrando assim a sua prática em transferência.

Não lhes faz falta dizer que tudo isso é o trabalho nosso de cada dia. Por isso, a importância do assunto deste livro, muito bem e claramente escrito por uma analista experiente, que relata as histórias sobre suas próprias práticas. Ela tenta simbolizar criativamente, as marcas que a prática tem deixado nela própria. Longe de limitar-se descrever as particularidades do tema através de múltiplas articulações teóricas e clínicas, penso que um dos valores do livro é, também, poder contar com as perguntas que a autora se e nos formula e que nos convidam a pensar com ela sobre os temas. Sabemos que muitas vezes são melhores as boas perguntas do que as possíveis respostas, e a experiência vai ensinando também a nos perguntarmos e a perguntar.

Concordo com Madé Baranger quando escreve no prólogo “a psicanálise tem muito para fazer e aprender”. Por isso, o prazer de apresentar para vocês um livro que nos introduz plenamente e de forma original à prática psicanalítica contemporânea.

Um livro como objeto pode, e é este o caso, ter um valor estético que o embeleza e que nos motiva a vê-lo com prazer e, logo, a lê-lo. Desde a sua atrativa capa, com o título “Era uma vez...” em meio a um desenho colorido, o livro de Ana nos introduz a temática que recorre suas páginas: História e Pré-História na clínica com crianças e adolescentes.

O profundo prólogo de Madeleine Baranger faz honra ao texto. Ana Rozenbaum se descreve partidária das ideias dela e das de Willy Baranger sobre o campo analítico como campo dinâmico intersubjetivo, e da ampliação que Luis Kancyper faz para incluir os pais da criança ou do adolescente. Festejo, por este motivo, compartilhar com Luis esta apresentação.

Tratarei de esboçar as ideias centrais que nos traz a autora para nos introduzir à sua leitura.

O livro tem três partes. A primeira é sobre teoria e técnica, a segunda são histórias clínicas e a terceira se intitula ‘histórias psicanalíticas’.

Este último capítulo transcende o tema particular do livro, centrado no valor da história e da pré-história na prática psicanalítica com crianças e adolescentes, mas nem por isso deixa de fora o valor destas no que diz respeito ao traumático. Tais histórias, uma de Marie Langer e outra do Departamento de Psicanálise de Crianças e Adolescentes da APA, da qual a Ana foi diretora, se referem às vicissitudes da psicanálise em nosso meio e dão conta de uma série de acontecimentos que, salvo necessárias distâncias, ainda requerem historizações simbolizantes – daí o valor do trabalho que nos propõe a autora.

A respeito da teoria e da técnica da psicanálise com crianças e adolescentes, a autora destaca em sucessivos depoimentos o lugar dos pais e do analisando, as entrevistas preliminares, a historização, a relação entre lembrança e fantasia, e os riscos do conhecimento prévio do analista.

Um rico desenvolvimento sobre a fantasia inclui a sua gênese e o seu itinerário, as fantasias de princípio e de fim da análise, as fantasias juvenis, as fantasias escritas, a novela familiar e as fantasias a serviço da história na análise. Quanto à lembrança, a autora descreve as relações

entre a memória e o esquecimento, a memória testemunhal e a lembrança a serviço da história na análise.

Como podemos ver, o fino entrelaçamento entre lembrança, fantasia e memória vai tecendo a análise em transferência que a autora pratica, seguindo o modelo freudiano. Trata-se de um relato de dois, onde o jogo transferência-contratransferência é a matriz do tecido.

A primeira parte se completa com evoluções sobre o trauma na história do sujeito e sobre o que vai além da história, ou seja, o traumático na pré-história.

Sabemos com Freud que não há processo psíquico mais ou menos importante que uma geração possa excluir da seguinte. A autora nos lembra que dita transmissão, da qual sempre haverá marcas em sucessivas gerações, pode não ser linear, mas sim circular, intermitente e perfurada. Nesse ponto, os ricos desenvolvimentos sobre transmissão entre as gerações sustentam o impacto do Holocausto e das migrações sobre o psiquismo dos danificados até a terceira geração. Cabem aqui, de maneira central, as perguntas que a autora se faz: “Que condições são necessárias para se ter a percepção clínica de que essa história oculta é constituinte do psiquismo do paciente, e não uma explicação que o psicanalista poderia construir fora do movimento transferencial? Como assumir ou livrar-se dessa herança? Como intervir sobre essas histórias que antecedem e sobre as quais irão constituir-se? Como pensar na eficácia e perdurabilidade do passado no presente?”

Penso que o texto convida a pensar que uma lembrança de pura atualidade – em que não há passado nem lembranças, somente marcas – requer que se faça desta passado, que se construa um passado. Sabe-se, porém, que, contra a necessária construção do passado a partir de ditas marcas, faltam referentes simbólicos que sirvam para organizar as mesmas. Esse é o caso de Funes, citado por Miguel Leivi, que ficou descapacitado e melancólico desde uma queda durante sua adolescência. Sabemos que o *acting out* e a necessária prevenção de passagens ao ato dominam a clínica com adolescentes, cheios de estímulos e com códigos que não podem seguir fazendo uso ou que não conseguem organizar.

A negação também opera contra essa tarefa de historização na busca da construção de um passado, e, por isso, a importância da memória testemunhal. Por esse motivo, estou de acordo com Esther Romano sobre a importância de objetos confiáveis e da função tutelar do estado, que ajudam a simbolizar as marcas potencialmente traumáticas, e não a negá-las. O mesmo vale para as consequências dos efeitos do Holocausto e do terrorismo de estado, cabendo destacar o valor da memória testemunhal na procura, como disse Primo Levi citado pela autora, “de não somente não esquecer, e sim que o mundo não esqueça”.

Avançando na leitura penso ser interessante e de importância clínica, a pontualização que Ana faz sobre as diferenças entre o trauma psíquico na infância e o trauma psíquico infantil, mediado pelo *Nachträglichkeit*. Algo pode perturbar a criança na sua infância tornar-se traumático e desorganizar seu psiquismo. A criança construída a partir da análise da transferência de um adulto, o traumático em relação às psicose aparece posteriormente. Essa diferença demarca campos distintos entre a patologia grave ou precoce, como a limítrofe e a patologia psiconeurótica. Também as abordagens são diferentes. No primeiro caso, existe a necessidade de um trabalho de simbolização, de significação até então inexistente. E, no outro, se trata de ressignificar por meio de uma nova transcrição.

Seguem sendo separados, de acordo com a natureza do trauma, os efeitos primários e secundários. Também sobre aqueles traumas compartilhados com as pessoas que o rodeiam, especialmente os pais, já que afetam também sua função paternal e os referentes identificatórios que deles derivam. De qualquer modo, seguindo as ideias pioneiras de Ferenczi, e logo de Winnicott, a autora aposta firmemente na intersubjetividade. Em todos os casos, o texto assinala como os pais ou a família podem neutralizar o efeito potencialmente traumático, e assim atuar a favor da chamada resiliência. Se não o fizerem, podem favorecer o desenvolvimento traumático por falta de ação, e não por serem, eles mesmos, violentos.

Trauma e masoquismo, trauma e medo, trauma e repetição, trauma restitutivo e trauma encobridor e identidades traumáticas são algumas das outras questões a respeito do traumático.

No livro, a autora faz um estudo cuidadoso a respeito do abuso da crian-

ça. Somente gostaria de destacar, por sua importância clínica, a descrição que Ana nos traz de situações em que o paciente se recusa a curar-se, construindo uma barreira de sentidos como proteção contra a revelação de um horror indescritível. Novamente a falta de confiança em quem deveria ser o cuidador causa danos mais graves.

O segundo capítulo, como já disse, inclui históricos clínicos. “Depressão na infância e sua relação com o traumático”, tema de enorme presença na prática de nossos dias, é seguido por “Trauma, culpa e transmissão entre gerações”, que nos introduz na problemática da culpa do sobrevivente. Isso é feito a partir da análise de um paciente cuja irmã do primeiro casamento do pai foi assassinada pelos nazistas, o que nos faz lembrar do recente filme “Um segredo”, de Claude Miller. Trata-se da transmissão da culpa prevista por Freud, em 1912, citado pela autora: “Nenhuma geração tem a capacidade de ocultar da seguinte feitos psíquicos de alguma substantividade”. A problemática fraterna é também trabalhada a partir também dos desenvolvimentos de Kancyper sobre Complexo Fraternal, culpa e repetição.

A segunda parte termina com um capítulo sobre o trauma no analista, subtítulo “O silêncio é saúde”, frase dos posters de rua da época. Trata-se de uma menina de quatro anos, atendida pela autora no início dos anos 80 durante a ditadura militar. Nessa época, como dizem Braun e Pelento citados por Ana, grande parte da sociedade estava afundada em uma conspiração de silêncio e acabou apelando para a renegação.

A revelação tardia durante o tratamento da menina sobre a sua adoção, sendo em uma época de desaparecimentos e entregas de bebês, somada a uma apressada declaração de inocência de seus pais adotivos, nos introduz por inteiro em uma problemática ainda vigente que extrapola o campo da saúde para estar nas mãos da justiça. Gostaria de destacar aqui o valor dos parágrafos “Revisando a sintomatologia” e “Revisitando a consulta”, uma vez revelado o segredo da adoção, em que se veem os efeitos do impacto do traumático no analista. Novamente uma segunda olhada significa algo novo.

Como lhes disse, a terceira parte do livro inclui um capítulo sobre a vida de Marie Langer e outro sobre a história do Departamento de Crianças e Adolescentes da APA.

O último capítulo, dentro do contexto da história da Argentina e do mundo nos últimos 60 anos, do desenvolvimento da psicanálise na Argentina e da história da APA, recorre à pré-história e à história do Departamento e de como foi mudando a prática nesse campo.

Desde o início ligado às ideias de Arminda Aberastury e Melanie Klein até a atualidade, quando uma variedade de teorias e práticas é moeda corrente entre nós; a partir de um trabalho quase exclusivamente bipessoal até a inclusão crescente do lugar dos pais; da análise como panacéia e quase a única indicação com alta frequência de seções até a hierarquização da consulta, o tema em questão está muito trabalhado no livro, e há diferentes dispositivos terapêuticos que, em muitos casos, permitem seu uso em contextos hospitalares.

Penso que esse valioso recorrido é uma justa homenagem a muitos colegas que foram pioneiros entre nós na introdução de distintas leituras e práticas de Klein, Winnicott, Lacan e de outros autores. Refiro-me, com o risco de esquecer de alguns, a pessoas como Arminda Aberastury, Betty Garma, Susana Lustig de Ferrer, Aurora Perez, Diana Zamorano de Inglesini, Eduardo Salas, Miguel Angel Rubinstein e tantos outros queridos amigos que contribuíram com os desenvolvimentos descritos pela autora.

Para concluir, apenas uma breve referência ao capítulo sobre “Marie Langer, a psicanalista maldita”. Escrito com base em entrevistas com aqueles que a conheceram como analista e também com seu filho Tommy – pessoas que providenciaram muitas informações e documentos. O artigo é um olhar afetuoso sobre essa mítica figura da psicanálise argentina e dos primórdios da APA. Seu nascimento na Europa, sua militância comunista, seu exílio frente ao nazismo, seu início na Argentina, onde fundou a APA e renunciou à militância, sua volta à militância após a morte do seu marido e sua renúncia à APA junto ao Grupo Plataforma são apenas alguns dos temas que o texto aborda.

Conhecida por sua intensa militância política na Europa, e logo em nosso país, vale a pena destacar a opinião, citada por Ana, de Fidas Cesio, que foi um de seus pacientes: “Eu me analisei com Marie Langer durante oito anos. Somente conheci nela a analista exclusivamente dedicada à sua profissão, com toda responsabilidade”.

O artigo faz uma interessante resenha histórica de Viena e da Europa em geral do início do século passado – Marie Langer nasceu em 1910. Também inclui muitos testemunhos de Marie sobre os momentos fundacionais da APA.

Ana cita Marie: “[...] sentia que estávamos fundando algo importante [...]” e também “[...] nossa primeira tarefa foi uma leitura coletiva de Freud, coordenada por Garma”, ou “[...] falam de mim muitas vezes, às vezes de gozação, e às vezes a sério, assim como da Virgem Maria. Realmente eu não fui em nada como ela. Eu fui uma figura idealizada por um grupo e condenada como moralista e egocêntrica por outro”.

A respeito de sua obra de 1968, Ana destaca o analisando do ano 2000, sobre o qual ela se pergunta: existirão analisandos no ano 2000? Mesmo que otimista, ela supõe que serão diferentes, assim como a análise praticada. Também são destaques *Psicanálise e Ciência Fictícia*, de 1969, *Ideologia e Idealização*, de 1963, *Questionamos*, de 1971 – em que justifica a ruptura com a APA – e, especialmente, *Materidade e Sexo*, de 1978 texto traduzido para vários idiomas. M. Langer dizia que neste sentido havia adotado a teoria kleiniana, porque, “desde o falocentrismo de Freud, não podia encontrar-me nem encontrar meus pacientes”. E, em troca, para ela, o marco kleiniano “não era feminista nem revolucionário, mas dava à mulher um lugar biológico e psicológico próprio”.

Impactou-me, especialmente, a citação de Ana a respeito do velório de Evita Perón. M. Langer sentia por ela, como o que sentia por outras mulheres, uma especial admiração. Escrevia: “[...] admito que minha admiração por Evita é muito mais emocional. Fui ao seu velório. Entrei na longa fila que se aproximava lentamente a ela, cheguei, e como todos, beijei o cristal que protegia seu rosto de virgem de cera, e não tive vergonha. Saí do velório com tristeza e com a sensação de uma perda irreparável”.

Ana acredita que talvez o irreparável tenha a ver com a dignificação da mulher, já que, para Marie Langer, a realização mais importante do século foi a introdução da mulher na história. Ana acrescenta que, tratando sempre de escapar do destino que sua época reservava às mulheres, Marie se perguntou ainda em sua velhice: “Essa nova mulher, que tem oportu-

nidades com que suas avós nem sonharam, é feliz?”. Então respondia: “Eu diria que sim, e em todo caso mais feliz que as pacientes de Freud”.

Para encerrar seu texto, aposta que o tempo a ajudará a ter “uma visão de Marie Langer livre de preconceitos, protagonista e vítima como foi, comprometida e capturada como esteve na trama de acontecimentos do século, que lhe tocou viver”.

Escolhi esse capítulo para encerrar meu comentário porque penso que ilustra o objetivo central do livro.

Por mais que vá além do campo da clínica com crianças e adolescentes, o texto sobre a – assim chamada– psicanalista maldita é uma tentativa de historização das marcas deixadas em cada um de nós, muitas vezes desmentidas pelas próprias transformações institucionais, e que, isoladamente, em sucessivas histórias com suas marcas da pré-história, podem conformar-se como passado.

Espero que tenham percebido, pelas observações sobre a minha leitura, que se trata de um livro que merece ser lido.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Abel Fainstein
Avenida Santa Fe, 3044, 3°
C1425BGS Buenos Aires – Argentina
e-mail: afainstein@ciudad.com.ar